

OS DEVERES FILOSÓFICOS NAS *EPISTULAE MORALES AD LUCILIUM*, DE SÊNECA

Mauri Alves Monteiro (UFJF)

mauriam54@gmail.com

Luís Carlos Lima Carpinetti (UFJF)

lulicarpinetti@oi.com.br

O filósofo latino, Lúcio Aneu Sêneca (4 a.C.-65 d.C.), nasceu em Córdoba (Espanha) numa família burguesa, mas assumiu cidadania romana. O conjunto de suas cartas, de gênero protréptico [estimulante, persuasivo, capaz de impulsionar adiante] são dirigidas ao amigo e discípulo Lucílio, que era procurador imperial na província da Sicília, naqueles anos de turbulência política sob a tirania do Imperador Nero. Sêneca demonstra, nas suas epístolas morais, vínculos de filiação estoica como respostas à perversão do gosto, consequência da decadência cultural e envelhecimento das artes em geral, entre outros problemas de ordem teórico-prático (analisando a psicologia humana, fruto da observação e autoconhecimento); em defesa de uma estética ática clássica voltada para uma verdade essencial e necessária, distante do entretenimento e da especulação superficial. Importa, pois, a realidade universal, os grandes modelos, a simplicidade e a sobriedade, mas não a imitação servil. Sêneca via Roma dominada pela decadência dos costumes e escritores medíocres envoltos numa preciosidade pedante, onde falta sensibilidade e inspiração. Seu método aparentemente assistemático, mas, na realidade, muito coerente, exigindo reflexão e controle da razão. Estas *Cartas* constituem um exemplo do empalidecimento em que mergulhara no primeiro século d. C., assinalando já o declínio da poesia e deterioração das letras em Roma, não só por sua frequente referência a aspectos da vida (viagens, costumes, personagens, histórias, tradições etc.). O sentido da responsabilidade social entre outros temas é de importância excepcional para a história do pensamento.